

Sayad sai se houver novo choque

MILANO LOPES
Da Editoria de Economia

Da mesma forma que foi necessário remover Fernando Bracher da Presidência do Banco Central para decretar a moratória unilateral, a aprovação de novo choque de preços e salários, com a volta ao congelamento, exigirá a remoção de João Sayad do Ministério do Planejamento, que é contrário à ideia e favorável à administração da economia sob uma taxa inflacionária suportável e com seus efeitos perversos reduzidos pela correção monetária e a reindexação.

Fontes da área econômica estão prevendo, para os próximos dias, uma disputa entre os ministérios da Fazenda e do Planejamento sobre a estratégia de ajuste interno, a partir de posições inconciliáveis entre as assessorias dos dois ministérios. Admitem que a solução da divergência seja tomada no âmbito político, com o Presidente dando força ao ministro da Fazenda, dentro do propósito de administrar a crise interna e o gargalo externo a partir de uma centralização das decisões numa só pasta.

CONVENCIDO

Os informantes disseram que o ministro Dilson Funaro, conseguiu convencer o presidente Sarney de que haverá, a partir de março,

um sensível declínio da taxa inflacionária, que se manifestará de forma mais visível em abril, quando tiver sido concluído o processo de realinhamento de preços.

Seria esse o momento de reativar o Plano Cruzado, promovendo novo congelamento de preços, desta feita por 90 ou 120 dias, juntamente com um congelamento salarial. Para prevenir pressões salariais, o Governo buscaria uma fórmula de também realinhar todos os salários — o abono é uma das alternativas — de tal sorte que, no novo dia "D" do congelamento, preços, salários e câmbio estivessem alinhados.

Trata-se, no caso, de seguir a experiência argentina no Plano Austral, que não só congelou preços e salários quando todos estavam alinhados, como limitou esse congelamento, permitindo os primeiros reajustes 90 dias depois do congelamento. Hoje a inflação no país vizinho está controlada ao nível de 80% ao ano, com tendência de estabilização ou de ligeiro declínio e a economia voltou a crescer com produto exibindo, o ano passado, um aumento de cinco por cento.

De acordo com os informantes, o próprio presidente Sarney externou de público sua convicção de que o Plano Cruzado "está vivo", numa demonstração de que foi convencido pelos

argumentos do Ministério da Fazenda. O chefe do Governo imagina que a nova tentativa do Plano Cruzado deva ser feita no âmbito de um entendimento entre empresários e trabalhadores, apesar do fracasso das experiências anteriores.

NEGOCIAÇÕES

Sarney, no entanto, pretende explorar todos os espaços políticos ganhos com a decretação da moratória unilateral, para induzir patões e empregados a novamente se sentarem à mesa de negociações com propostas aceitáveis para os dois lados.

O plano de regularização da economia, que o ministro do Planejamento preparou e deverá entregar hoje ao presidente Sarney, não contempla um novo choque heterodoxo, nas dimensões da frustrada experiência de 28 de fevereiro de 1966.

O documento, uma indicação sucinta da estratégia que a Seplan considera adequada para enfrentar a crise, foi elaborado pelo chefe da assessoria econômica de Sayad, Francisco Luna, pelo assessor especial, Francisco Lopes, e o restante da equipe do Planejamento, sem audiência prévia ao Ministério da Fazenda, porém com discussões paralelas com os principais líderes do PMDB, de quem Sayad pretende obter uma declaração explícita de apoio.